

ANTOLOGIA DE TERROR INFANTIL

HISTÓRIAS ASSOMBRADAS

PARA PEQUENOS CORAJOSOS



Gilson Salomão Pessoa
Organizador

Panóplia

**ANTOLOGIA
DE TERROR INFANTIL**

**HISTÓRIAS
ASSOMBRADAS**

PARA PEQUENOS CORAJOSOS

Gilson Salomão Pessôa
Organizador

1^a edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2025

© 2025 Editora Panóplia

www.editorapanoplia.com.br

Histórias Assombradas para Pequenos Corajosos

1^a edição

Organização Gilson Salomão Pessôa

Texto Vários autores

Revisão Dos próprios autores

Capa e Imagens Gilson Salomão Pessôa, com imagens de IA

Dados Internacionais de Catalogação

C933 Pessôa, Gilson Salomão, 2025

Histórias Assombradas para Pequenos Corajosos / Gilson Salomão Pessôa

Rio de Janeiro: Panóplia 2025.

80 p.; 16x23cm.

ISBN 978-65-83987-10-5

Literatura brasileira

I.Pessôa, Gilson Salomão. II.Título.

CDD B869.3 CDU 82-311

Todos os direitos reservados à editora Panóplia Cultural.

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização.

**ANTOLOGIA
DE TERROR INFANTIL**

**HISTÓRIAS
ASSOMBRADAS**

PARA PEQUENOS CORAJOSOS

Gilson Salomão Pessôa
Organizador

SUMÁRIO

Gilson Salomão Pessoa - LURDINHA E O MONSTRO DA FLORESTA

[8]

Zuleica Rabello - O TERRÍVEL E ADORÁVEL "MORGU"

[16]

Lucy Chagas - A ESTRANHA CASA DO FIM DA RUA

[30]

Leticia Gabriela - A MISTERIOSA CASA DA ÁRVORE

[46]

Telma Regina - A BRUXA DA CASA VELHA

[64]

Andreia Marques - O SEGREDO ATRÁS DA CASA

[72]

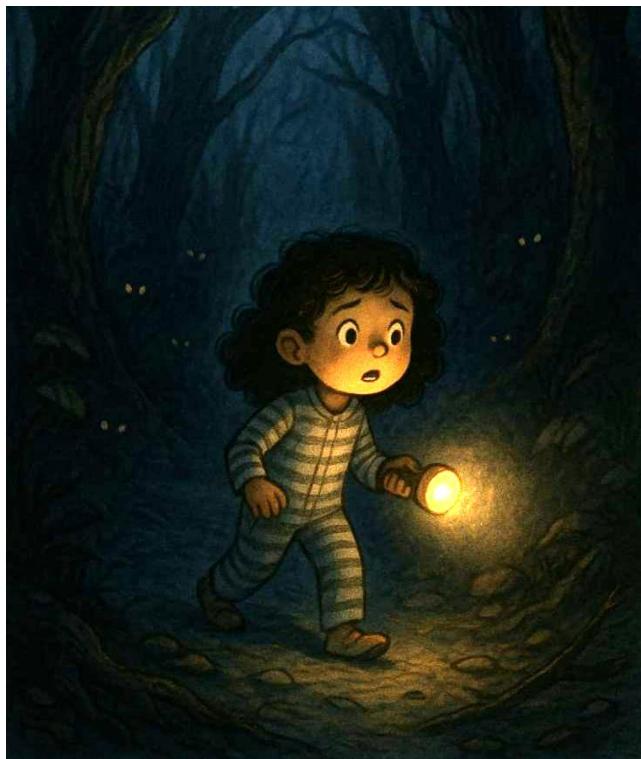


Gilson Salomão Pessoa

Gilson Salomão Pessoa é Funcionário Público formado em jornalismo pela UFJF. Colunista com dois livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão o romance “Histórias de Titãs Quebradiços” e o livro de Poemas “Um Suspiro Resgatado”, ambos pela Editora Panóplia. Pela Editora Panóplia publicou os livros “Terras e tramas sertanejas”, “Sapo Tobias” e “Terror não tem tamanho”, além de ter participado de diversas antologias com o selo da Editora. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto de Matias Barbosa.

LURDINHA E O MONSTRO DA FLORESTA

Gilson Pessoa



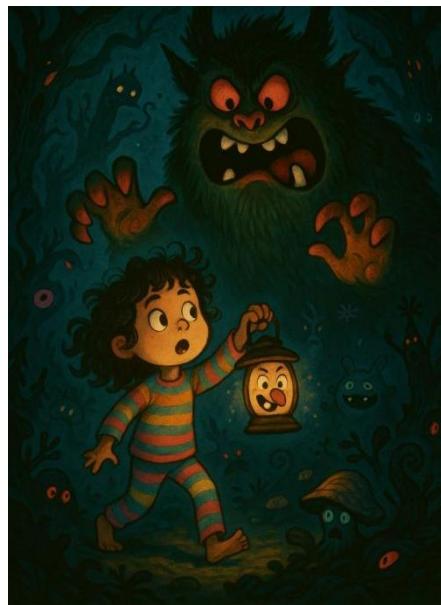
Lurdinha era esperta, vivia a brincar,
Mas ouvia sussurros ao anoitecer chegar.

A floresta escura, além do quintal,
Sussurrava segredos num tom tão mortal.

— “Tem bicho lá dentro,” diziam os velhos.
— “Com dentes enormes e olhos vermelhos!”
Diziam que o monstro, de noite acordava,
E quem se perdia... ele devorava.

Mas Lurdinha era brava, só ria do susto,
— “É só uma história de vento e arbusto!”
Então numa noite sem lua no céu,
Ela entrou na floresta, de pijama e véu.

Com lanterna em punho e o coração disparado,
Andou entre galhos num chão encharcado.
Ramos quebravam, corujas piavam,
E sombras estranhas por todo lado dançavam.



Um uivo cortante ecoou na neblina,

E um vulto gigante surgiu na colina.

Tinha garras enormes, com folhas nos pés,

E um cheiro azedo de sopa e chulé!

Seus olhos brilhavam num tom rubro e fundo,

E sua voz ecoava do fim do mundo:

— “Quem ousa entrar sem bater na madeira?

Sou o Monstro da Floresta, dono da beira!”



Lurdinha parou, com a perna tremendo,

Mas algo no monstro estava... sofrendo.

Ele fungava alto, de modo esquisito,

E um fiapo de lágrima caiu do seu grito.

— “Você... está triste?” — Lurdinha arriscou.

E o monstro, surpreso, enfim se calou.

— “Todo mundo me teme, ninguém vem brincar...

Só porque eu moro onde não tem luar.”

— “Mas eu posso ficar, se você quiser.”

Disse Lurdinha, limpando a lanterna com o pé.

Sentaram no toco, dividiram um bolo,

E o monstro sorriu, soltando um “Oi” meio tolo.

Ele mostrou seus desenhos em casca de árvore,

E dançou com Lurdinha ao som do pinhar.

Era um monstro peludo, mas muito educado,

Só precisava de um amigo... ao seu lado.

Desde esse dia, a floresta mudou:

Ficou mais cheirosa, ninguém mais gritou.

Pois Lurdinha ensinou que por trás do terror,

Pode haver amizade, ternura e amor.





Zuleica Rabello

Apaixonada pelas artes, por tornar a poesia um veículo de amor.

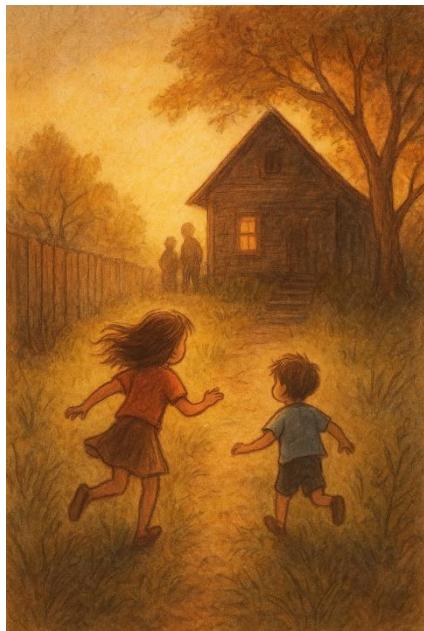
Professora, educadora e técnica de enfermagem; hoje escritora. Renasci nos versos, contos e poesias. Participei das Antologias: Histórias de um verão inesquecível, E quando escritores se apaixonam? A escrita e eu, Na teia da viúva negra, Histórias que marcaram o Brasil, Enquanto a chuva cai, Ímpeto e Desejo, Silêncio Sombrio e Para sempre em meu coração. Preparando meu livro solo com muita emoção!

Mulher, Fênix, literalmente inspirada por Cora Coralina.

Tentando voar nos versos e alimentar corações tristonhos.

O TERRÍVEL E ADORÁVEL "MORGUI"

Zuleica Rabello



Morávamos numa casa pequena, quintal comprido, uma escada que possuía um trecho que passávamos correndo. Tinha uma casinha onde vovô guardava suas coisas e sempre tive impressão que algo ali me chamava.

Eu era a mais velha, tinha uma irmã e um vizinho que brincava conosco. Era o Paulinho!

Vô Artur fazia suco e vó Alina preparava pipocas, pão de queijo para brincarmos no quintal.

Um dia chegou um novo morador. Tinha um filho que andava sempre com um boné manchado, um casaco maior que ele.

Estábamos brincando quando a mãe dele me chamou:

— Ei! Menina! Posso falar com você? — disse com a voz baixa, um pouco sem graça.

Fui logo ver o que seria.

— Meu filho se chama Felipe e não tem amigos ainda.

Amanhã será o aniversário dele e ficaria contente se vocês fossem. Vai ter bolo e brigadeiros!

— Vou falar com mamãe. — saí saltitando, afinal de contas teria algo novo para fazer.

Fomos dormir e logo que deitamos começamos a ouvir barulhos estranhos vindo da casa do lado. Subi na cadeira, estiquei a cabeça pelo vidro da janela e vi as luzes do quarto do menino acendendo e apagando.

A janela abriu de repente, me assustei e caí no chão. Minha irmã ficou pulando e curiosa queria saber o que eu

vi.

— Fala! Fala! Fala logo! O que viu?

— Me ajude a levantar e pare de pular. Mamãe pode vir aqui. Não vi o Felipe, mas as luzes eram coloridas, acendiam muitas vezes.

Minha irmã decepcionada com a resposta voltou para cama e dormiu.

Fomos tomar café e me lembrei que não tinha comprado nada, então veio aquela ideia que não dá certo! Tomei coragem e chamei minha irmã que chamou Paulinho. Ele trouxe uma lanterna velha e fomos à casa onde vovô guardava suas coisas.

Abri a porta tremendo de medo, ela fez um ruído que parecia um grito. Largamos tudo e saímos correndo. Paulinho fez xixi no short e minha irmã se escondeu atrás de mim. A lanterna estava desmontada no chão e mesmo assim consegui montar.

Tentei entrar novamente. Dessa vez sozinha. Pedi para eles vigiarem o vovô.

Quando entrei, algo caiu nos meus cabelos. Dei um

grito, bati as mãos, era uma enorme teia de aranha!

Dentro de uma grande caixa havia algo embrulhado num tecido, amarrado com muitos nós.

Resolvi abrir! Peguei uma tesoura e cortei. Nesse instante, o tecido rasgou todo e como mágica algo caiu no chão pertinho de meus pés. E aquilo foi se espalhando tomando a forma de um boneco. Saí correndo, chamei minha irmã e Paulinho:



— Vem gente, corre!

— Não vou, pode ser o “Bicho Papão” que minha vó tanto fala. — disse Paulinho morrendo de medo.

Minha irmã segurou na mão dele e o puxou com toda força. Combinamos que entraríamos todos juntos e contamos:

— Um, dois, trêsssss!

A porta abriu e caímos lá dentro.

Vi uma mão peluda se esticando para pegar a minha. Uma voz pausada disse:

— Sou Morgui. Estava aqui sozinho por muito tempo. Seu avô recebeu o embrulho e o guardou nesse lugar. — disse a criatura ainda escondida no escuro.

— Você é real? Vai nos comer? — disse tremendo de medo.

— Não estou com fome. Buuuuuuu! — deu um pequeno susto.

Foi se esticando, roupas iam colorindo o corpo peludo.

— Você não pode sair assim, o que diremos à minha mãe? E ao vovô? — eu disse assustada.

— Posso ficar no quarto de vocês e quando alguém

entrar eu me esconderei. Você pega uma mochila e ficarei dentro dela, posso mudar de tamanho.

Combinamos que eu ficaria tomando conta do Morgui, deixei uma ratoeira montada caso tentasse sair do armário.

De manhã, fui esticar minhas pernas e dei de cara com Morgui roncando do meu lado e minha irmã do outro de mãos dadas. Mamãe chamou na cozinha e me deu um pequeno embrulho:

— Toma filha. Leva esse joguinho de presente para o vizinho. Ele vai gostar! Depois pego vocês lá.

Peguei o embrulho e guardei. Fomos para o colégio e quando abri a porta do quarto, levei um susto!

Morgui havia jogado toda roupa no chão e estava mastigando a minha borracha.

— Morguiiiii, o que você fez? Como vou arrumar tudo isso?

Ele ficou de pé, deu várias voltas e tudo ficou arrumado menos os meus cabelos e os da minha irmã!



Mais tarde nos arrumamos e fomos ao aniversário. A mãe do Felipe já nos esperava e mal batemos na porta ela abriu rapidamente nos empurrando para dentro:

— Entrem, entrem! Felipe vai ficar contente. — disse empurrando minha mãe para fora de casa.

A casa estava toda enfeitada com luzes coloridas, balões prateados, um foguete enorme num canto da sala.

Brigadeiros pendurados, amarrados pelos cantos da casa, balas e um bolo dentro do foguete.

Felipe estava com um boné diferente e com os

cabelos tampando parte de seu rosto. Quando nos viu disse baixinho:

— Vocês vieram! Pensei que não aceitariam o convite. — disse olhando com certo medo para os lados.

Dei o presente sem saber o que era:

— Mamãe pediu para você abrir no final da festa. É surpresa.

Felipe pegou com cuidado e colocou perto do bolo.

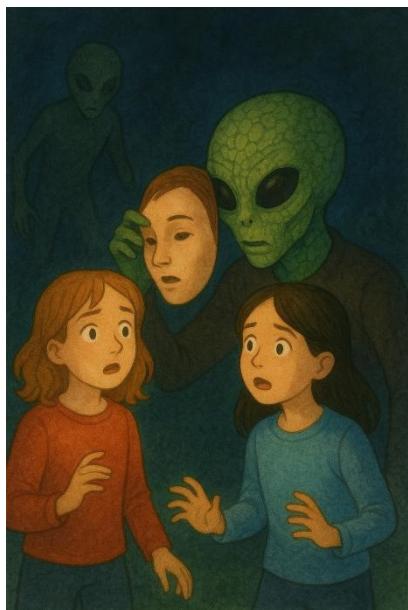
Que festa chata, estávamos sentados olhando um para o outro e Felipe não se mexia, só olhava para os lados. A mãe dele nos deu alguns brigadeiros e começou a tirar fotos.

Da câmera saía uma luz forte e fui ficando tonta e enjoada. Minha irmã estava olhando o foguete de perto, esticou o dedinho e passou no bolo. Estava duro! E muito curiosa colocou a mão na lateral do foguete e desmaiou. Saí correndo, mas a mãe do Felipe a levou para dentro do foguete, não conseguíamos dar mais um passo.

Felipe queria nos avisar de alguma coisa, mas não conseguia se mexer ou falar.

De repente estávamos deitados num canto da casa, abri os olhos lentamente e ela estava vazia! Vi minha irmã amarrada dentro do foguete e toda parede começava a sumir.

Pela primeira vez Felipe tirou o boné e afastou os cabelos, foi puxando a pele como se fosse uma máscara. E vimos quem ele era de verdade: pele enrugada, esverdeada, olhos pretos, dentes finos, escamas grossas sobre a pele.



— Não chegue perto de nós! Quem é você? — disse quase sem voz.

— Não grite, por favor. Eu também estou preso aqui. Ela recolhe várias crianças de outros planetas e as leva para o seu. Precisamos sair daqui.

A mulher volta com outra roupa, empurra as crianças para dentro do foguete. Felipe tentando distraí-la pede para pegar o embrulho sobre a mesa.

— Vamos abre logo isso, não tenho tempo. — grita a mulher.

Felipe solta o primeiro laço e algo pula do embrulho. Era Morgui !

— Morguiiiii ! Socorro! — gritamos todos juntos.

Ele aumenta seu tamanho e cai sobre a mulher.

Felipe nos desamarrou e saímos por uma janela. Morgui cresceu mais e mais, comeu toda a casa!



Felipe nos abraçou e pela primeira vez não teve medo. E agora?

Morgui arrotou, o foguete saiu inteiro de sua enorme boca voltando ao tamanho normal.

— Chegou a hora de voltar. Felipe quer vir comigo? Vou sentir a falta de vocês! De Paulinho!

Nos abraçamos. Os dois entraram no foguete e diminuíram de tamanho até sumirem.

Eu não sabia o que dizer à minha mãe. Fomos correndo para casa, ela estava dormindo profundamente.

— Mamãe, mamãe! Acordaaaa! Voltamos.

Ela só acordou no dia seguinte, não se lembrava de nada. E a casa estava lá, com outros vizinhos dessa vez um casal simpático. Mamãe bateu na porta do nosso quarto e falou:

— Filhas, deixaram essa caixinha embrulhada cheia de nós para vocês! Não vão abrir?

— Nãooooooooo!!!

Batemos a porta, colocamos uma cadeira para que

ninguém abrisse e fomos direto para debaixo dos lençóis.
Realidade ou não chega de embrulhos com muitos nós.

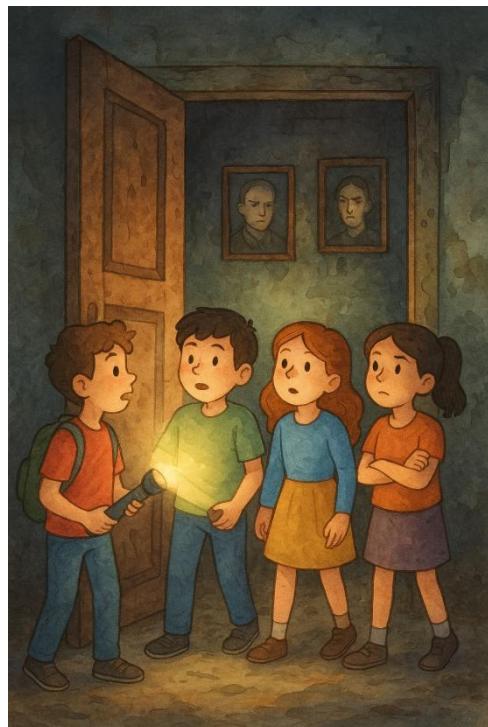


Lucy Chagas

Lucinda Batista Chagas, conhecida como Lucy Chagas é carioca e moradora do Bairro de Realengo. professora e Psycopedagoga por formação e artista por vocação. Ama música, teatro e Literatura. Participou de três antologias, sendo duas pela Editora conejo em 2023 e 2025 que foram lançadas na bienal do livro do Rio De Janeiro. A terceira foi pelo Grêmio Literário Internacional Poesiarte pelo qual faz parte. Esta é sua primeira Antologia infantil.

A ESTRANHA CASA DO FIM DA RUA

Lucy Chagas



Pedrinho, Gabriel, Rebeca e Mariana eram grandes amigos. Em uma tarde, estavam sentados no banco da praça, esperando o tempo passar, logo assim que chegaram da escola. O sol já começava a se esconder atrás das árvores.

— O que vamos fazer hoje? — perguntou Gabriel, balançando as pernas.

— Já brincamos de esconde-esconde, pega-pega...
estou sem ideias — respondeu Rebeca.

Foi então que Pedrinho apontou para o fundo da
rua. Entre as árvores e os muros, havia uma casa antiga,
de janelas quebradas e paredes descascadas.

— E se a gente for até lá? — sugeriu ele, com os
olhos brilhando de curiosidade.

Mariana arregalou os olhos.

— Está maluco? Aquela é a casa abandonada!
Dizem que ninguém mora lá há muitos anos e é mal
assombrada.

Gabriel, que adorava contar histórias de arrepiar,
completou:

— Meu irmão jura que já viu luzes acesas naquela
casa à noite... e ouviu vozes!

O silêncio tomou conta do grupo por alguns
segundos. O vento soprou, balançando as folhas secas no
chão, e a velha casa pareceu observar as crianças.

Rebeca respirou fundo e, com um meio sorriso,
disse:

— Ah, deve ser só lenda. Uma casa velha e empoeirada não assusta ninguém.

Mariana cruzou os braços.

— Então você teria coragem de entrar lá?

Rebeca hesitou, mas antes que respondesse, Pedrinho falou firme:

— Eu teria. Mas não sozinho.

Os quatro se olharam, e naquele instante perceberam: a aventura daquela tarde já estava decidida.

Depois daquela conversa, nenhum deles conseguiu pensar em outra coisa. A casa parecia chamar, como se esperasse há anos por visitantes corajosos.

— Então vamos combinar — disse Mariana, tentando parecer destemida. — Hoje à noite, a gente entra naquela casa.

— Hoje à noite?! — Gabriel engasgou. — Não pode ser amanhã de manhã, com sol, passarinhos cantando e tudo mais?

Pedrinho riu.

— Não vale. Se a gente for de dia, não vai ter graça nenhuma.

Rebeca, que sempre gostava de ser a mais corajosa, colocou as mãos na cintura:

— Eu topo. Mas precisamos de lanternas. E talvez mais algumas coisas para o caso de alguma emergência.

— E comida! — lembrou Gabriel, levantando o dedo.

— Se ficarmos presos, ninguém vai querer explorar com a barriga vazia.

Mariana balançou a cabeça, mas não pôde deixar de sorrir.

— Você só pensa em comer!

Eles combinaram de se encontrar às sete da noite, em frente à pracinha. Cada um levaria algo: Pedrinho ficou com as lanternas, Rebeca com uma corda, Mariana com um isqueiro e Gabriel com um sanduíche (um enorme, é claro).

Enquanto o céu escurecia e as primeiras estrelas surgiam no céu, todos sentiam uma mistura de medo e excitação. No fim da rua, lá estava ela: a casa abandonada, imensa e silenciosa, esperando.

O desafio estava lançado.

Às sete em ponto, os quatro estavam na pracinha. Cada um carregava suas coisas, mas ninguém parecia muito à vontade. O vento frio soprava, como se soubesse para onde eles estavam indo.

— Prontos? — perguntou Pedrinho, acendendo a lanterna.

— Prontos... eu acho — respondeu Gabriel, apertando contra o peito o sanduíche embrulhado em papel.

Eles caminharam em fila pela rua silenciosa. Quando chegaram ao portão de ferro, viram que estava entreaberto, rangendo com o vento.

— Parece que alguém já entrou... — Rebeca.

— Ou saiu — sussurrou Mariana, com a voz baixa.

Empurraram o portão, que respondeu com um

CREEEEEK longo e assustador. O jardim estava tomado por mato alto, e uma estátua quebrada parecia vigiar a entrada.

— Está decidido... vamos — disse Pedrinho.

Subiram os degraus da varanda. A madeira estalava sob seus pés. Gabriel engoliu seco.

Pedrinho segurou a maçaneta enferrujada e girou devagar. A porta rangeu tão alto que ecoou por toda a casa.

CREEEEEEEK!

Lá dentro, o ar era gelado. O cheiro de poeira e mofo se misturava com algo estranho, como flores velhas. Quadros tortos nas paredes mostravam pessoas com olhares severos, e parecia que os olhos acompanhavam os amigos.

De repente, um vento forte apagou a luz fraca do poste lá fora, deixando tudo ainda mais sombrio.

— É agora que a gente volta, né? — sussurrou Gabriel.

— Nem pensar. A gente só está começando —

respondeu Mariana, entrando com passos firmes.

Um som leve, quase um sussurro, percorreu o corredor escuro:

— Venham... venham...

Os quatro congelaram.

O sussurro ecoou de novo:

— Venham... venham...

Assustados, mas decididos, os quatro seguiram pelo corredor até uma porta de madeira trancada. Rebeca encontrou uma chave caída nos degraus da escada e, com as mãos trêmulas, girou na fechadura.

CLIQUE.

A porta se abriu, revelando uma escada que levava ao porão. Uma luz azulada saía de lá de dentro.

Descendo devagar, viram algo flutuar no ar: uma menina transparente, com vestido antigo e olhos tristes.

— Quem... quem é você? — perguntou Pedrinho, quase sem voz.

— Meu nome é Clara — disse o fantasma com um

tom suave. — Moro aqui... ou melhor, morei. Fui presa neste lugar há muitos anos e não consigo descansar.



Mariana deu um passo à frente:

— Como podemos te ajudar?

Clara suspirou.

— Meu diário está no sótão. Ele guarda minhas lembranças. Se vocês acenderem uma luz sobre ele, finalmente poderei ir embora.

— Nós vamos libertar você, Clara! — decidiu

Rebeca.

Os quatro subiram as escadas correndo, mas cada degrau parecia protestar com um estalo alto. A lanterna de Pedrinho balançava, fazendo sombras enormes dançarem nas paredes. Quando chegaram ao sótão, a porta estava tão emperrada que precisaram empurrar juntos para abrir.

Lá dentro, o ar era mais frio e pesado, como se o tempo tivesse parado. O teto tinha buracos por onde a lua espiava, lançando pequenas luzes prateadas no chão coberto de poeira. Móveis quebrados, caixas velhas e brinquedos esquecidos ocupavam o espaço.

— Que lugar assustador... — murmurou Gabriel, apertando o sanduíche como se fosse um amuleto.

— Procurem em todos os cantos — disse Rebeca, firme. — O diário tem que estar aqui.

Eles começaram a revirar caixas, empurrar móveis e levantar panos empoeirados. De repente, Mariana apontou para uma pilha de objetos no canto mais escuro do sótão.

— Olhem lá!

Debaixo de uma boneca sem olhos e um espelho quebrado, havia um pequeno caderno de capa azul, com a borda já gasta pelo tempo. Pedrinho o pegou com cuidado, como se fosse algo frágil e precioso.

— Esse deve ser o diário da Clara... — disse, em voz baixa.

No momento em que abriu a capa, uma rajada de vento atravessou o sótão, espalhando papéis e levantando poeira. As páginas pareciam brilhar de leve, como se escondessem uma energia adormecida.

Rebeca então lembrou-se do pedido da menina.

— A luz! Aponta a lanterna nele!

Pedrinho mirou a lanterna para o diário, e assim que a luz tocou a capa azul, uma claridade intensa iluminou todo o sótão. Era como se o livro tivesse guardado a própria memória da menina, e agora liberava tudo de uma vez.

As sombras que antes se moviam pelas paredes desapareceram. O silêncio tomou conta. Até o ar parecia mais leve, quase perfumado.

— Vocês sentiram isso? — perguntou Mariana, ainda de olhos arregalados.

— É como se a casa... tivesse respirado — respondeu Rebeca.

Gabriel olhou para a escada, engolindo em seco.

— Então... está na hora de levarmos isso para ela.

Com o diário brilhando nas mãos, os quatro desceram juntos, sabendo que estavam prestes a libertar Clara de sua longa espera.

Com o diário brilhando nas mãos de Pedrinho, eles desceram novamente até o porão. O ar já não parecia tão pesado como antes, mas ainda havia algo no ar, como se a casa inteira aguardasse aquele momento.

Clara estava lá, esperando. Sua forma transparente cintilava mais forte, como se soubesse que o fim de sua longa prisão estava próximo.

— Vocês encontraram... — disse ela, olhando para o caderno azul com os olhos cheios de luz. — Guardaram nele tudo o que eu fui... e tudo o que perdi.

Rebeca deu um passo à frente.

— Clara, nós viemos para te libertar.

Mariana abriu o diário sobre uma mesa quebrada e Pedrinho apontou a lanterna diretamente nas páginas. No mesmo instante, uma onda de luz azulada se espalhou pelo porão, iluminando cada canto escuro. As paredes deixaram de ranger, o frio desapareceu, e até o cheiro de mofo parecia ter sido levado embora.

Clara sorriu, com uma doçura que fez o coração das crianças se aquecer.

— Agora posso descansar... Vocês não têm ideia do quanto esperava por isso.

— Mas... você vai desaparecer? — perguntou Gabriel, baixinho.

— Não é um adeus triste — respondeu Clara. — É apenas o fim de uma história que estava presa no tempo.

O corpo da menina começou a se desfazer em partículas de luz, subindo pelo teto como um bando de vagalumes. Cada partícula parecia deixar um rastro suave de brilho, até sumir completamente.

Antes de desaparecer por completo, Clara

sussurrou:

— Obrigada, meus amigos... nunca deixem de ser corajosos juntos.

E então, não havia mais nada. Apenas silêncio, paz e a sensação de que a casa estava viva de novo, respirando calma pela primeira vez em muitos anos.

Os quatro se olharam, emocionados. Pedrinho fechou o diário, agora sem brilho, apenas um caderno comum.

— Conseguimos — disse ele, com um sorriso cansado.

— Sim — completou Mariana — mas só porque estivemos juntos.

Do lado de fora, a lua parecia brilhar mais forte, e até Gabriel, que segurava firme o sanduíche, conseguiu rir.

— É... mas da próxima vez, eu escolho a aventura: um piquenique no parque.

E todos riram, aliviados, caminhando para casa para irem embora.

Naquela noite, eles sabiam que jamais esqueceriam a coragem que tiveram e a amizade que os manteve unidos diante do medo.

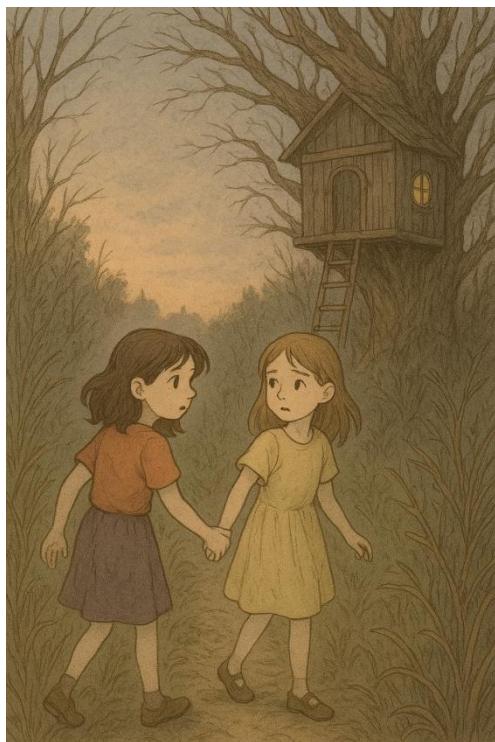


Leticia Gabriela

Leticia Gabriela é carioca, formada em Pedagogia e apaixonada pelo gatinho Fred — seu fiel companheiro de quatro patas. Ama histórias que despertam a imaginação e o mistério. Participou de uma antologia lançada na Bienal do Livro, experiência que fortaleceu ainda mais seu amor pela escrita. Acredita que escrever é uma forma de transformar sentimentos em palavras, que cada história tem o poder de deixar um pedacinho de si no mundo e de manter viva a magia de imaginar.

A MISTERIOSA CASA DA ÁRVORE

Letícia Gabriela



Esta é a história de uma coisa que aconteceu com Luiza e Ana. Elas eram vizinhas e amigas desde sempre. Não havia tarde em que não estivessem juntas, explorando ruas, subindo em muros ou inventando brincadeiras no quintal.

Em uma tarde como as outras, o sol já começava a

se esconder atrás das casas quando elas resolveram seguir por um caminho que nunca tinham visto antes. Era uma trilha estreita, coberta por mato alto e galhos secos que estalavam sob os pés.

— Você tem certeza de que dá pra passar por aqui?
— perguntou Ana, meio desconfiada.

— Claro! Olha só, parece que alguém já andou nesse caminho antes — respondeu Luiza, animada.

Depois de alguns minutos, chegaram a um terreno. A grama era alta e havia árvores enormes, com galhos retorcidos. No meio delas, escondida, estava uma casa em uma das árvores.

Era grande, feita de madeira escura e já meio velha, mas ainda firme. Uma escada de tábuas subia até a entrada, com uma janelinha redonda que dava um ar mais especial de casa antiga.

— Eu nunca vi isso antes... — murmurou Ana, de olhos arregalados.

— Nem eu. Parece esquecida.

As duas ficaram alguns segundos em silêncio, observando a estranha construção. O vento soprou forte e estranhamente gelado, e a escada rangeu sozinha, como se alguém invisível tivesse pisado nela.

Ana deu um passo para trás.

— Acho que a gente devia ir embora.

Mas Luiza sorriu, tentando esconder o frio na barriga.

— Ir embora? A gente acabou de achar a melhor descoberta do bairro!

— Por favor Luiza, não quero ficar aqui. Vamos embora. Acabei de me lembrar também de que tenho lição de casa pra fazer e a minha mãe vai ficar brava comigo se eu chegar tarde — disse Ana, já nervosa e inventando desculpas.

— Nossa Ana, calma! Tá bom. Mas só se você me prometer que amanhã vamos voltar.

— Tá bom, tá bom. Quem sabe né

Elas não sabiam ainda, mas aquela casa da árvore não era só de madeira e pregos. Ela guardava segredos... e estava esperando por elas.

No dia seguinte, Luiza e Ana voltaram ao terreno. O sol já começava a descer, pintando o céu de laranja e roxo.

— A gente não devia estar aqui tão tarde... — murmurou Ana, olhando para o céu.

— Que tarde o que, Ana! É a melhor hora! Fica tudo mais misterioso. Não vai inventar de ir embora igual ontem não hein, porquê hoje eu vou ficar, mesmo se for sozinha! — respondeu Luiza, tentando parecer corajosa.

Começava a escurecer lentamente. A casa da árvore estava igual ao dia anterior, mas havia algo diferente no ar. O vento era mais frio, e as sombras das árvores pareciam mais compridas, quase tocando as duas amigas.

Luiza pegou uma pequena lanterna que carregava pra todo lugar junto de sua chave, e acendeu. A luz iluminou o tronco da árvore, mas logo começou a piscar, como se estivesse falhando.

— A bateria deve estar fraca, Luiza — disse Ana, segurando firme o braço dela.

— Mas... estava funcionando normal até ainda pouco — respondeu ela, frazindo a testa.

De repente, um rangido veio de cima, como passos lentos caminhando dentro da casinha.

Creeeeec... Creeeec...

Ana ficou pálida.

— Você ouviu?

— Ouvi. Mas não tem ninguém lá.

Antes que pudessem decidir se subiriam, um som baixinho se espalhou pelo ar. Não era o vento. Era algo mais...

Um sussurro, suave como voz de criança:

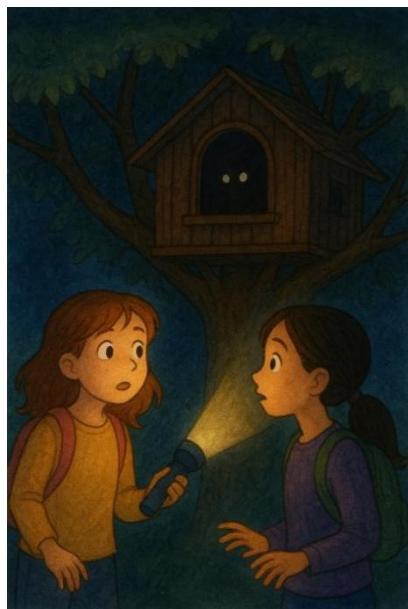
— Venham brincar...

Ana gelou dos pés à cabeça.

— Luiza, vamos embora agora!

Mas Luiza não se mexeu. Seu coração batia rápido, e, mesmo morrendo de medo, a curiosidade era mais forte.

Ela apontou a lanterna para a janelinha redonda da casa da árvore. Por um instante, jurou ver um vulto pequeno ali dentro. Como se alguém observasse as duas.



Ana puxou o braço de Luiza, mas ela ficou parada, encarando a janelinha.

— Tinha alguém lá dentro... eu vi — murmurou,

quase sem voz.

A lanterna piscou de novo e apagou por alguns segundos. Quando voltou a acender, iluminou a escada de madeira. Uma das tábuas rangeu sozinha, como se alguém invisível tivesse acabado de pisar.

Ana apertou ainda mais a mão da amiga.

— Isso não tá certo. Ninguém mora aqui... ninguém devia estar aqui!

O vento soprou mais forte, sacudindo as folhas. O som parecia unhas deslizando pela madeira.

E então o sussurro voltou.

Dessa vez, mais perto:

— Subam... subam... não vamos lhes fazer mal, nós seríamos incapazes.

Luiza respirou fundo. Não estava acreditando naquilo, seu coração martelava no peito, mas ela tentou sorrir para Ana.

— E se for só a nossa imaginação?

— Imaginações não fazem escadas rangerem, Luiza! E nem ouvir vozes como estamos ouvindo. Eu estou ouvindo essas vozes nos chamando e você também!

Antes que discutissem mais, algo caiu da janelinha lá de cima. Rolou pela escada até o chão, parando bem diante dos pés delas. Era uma bolinha de gude azul, tão brilhante que parecia nova.

Luiza e Ana se entreolharam, sem saber se corriam ou se subiam. A bolinha ficou ali, imóvel.

Luiza pegou a bolinha de gude azul no chão. Ela estava fria, como se tivesse sido tirada de um lugar gelado.

— Isso é impossível... — murmurou.

Ana olhou para a escada com os olhos arregalados.

— Você não vai subir, né?

— A gente precisa descobrir o que tem lá dentro.

Contra a vontade dela, começaram a subir degrau

por degrau. Cada passo fazia a madeira estalar alto, parecia um aviso para pararem.

Quando entraram, ficaram em silêncio. O ar era mais frio lá dentro, e a luz da lanterna parecia mais fraca do que do lado de fora.

O que viram as deixou arrepiadas: espalhados pelo chão estavam brinquedos antigos. Um pião de madeira riscado, bonequinhas de pano com roupas desbotadas, e várias bolinhas de gude coloridas. Havia também um carrinho de lata e uma corda de pular arrebentada em uma das pontas.

Ana se ajoelhou e tocou em uma boneca. O tecido estava gasto, mas parecia ter sido deixado ali recentemente, sem poeira.

— Esses brinquedos não podiam estar assim... eles deveriam estar destruídos, cheios de pó.

De repente, Luiza encontrou um papel dobrado num canto da casa. Quando abriu, o coração disparou: era um bilhete amarelado, escrito com uma letra infantil.

“Vamos brincar.”

Ana arregalou os olhos, deu dois passos para trás e quase tropeçou no carrinho de lata.

— Quem escreveu isso?

— Não sei... — respondeu Luiza, a voz quase falhando.

Um barulho ecoou pelo teto da casinha: toc... toc... toc...

Como passos pequenos correndo em círculos acima das cabeças delas.

As duas se encolheram, respirando rápido, até que ouviram algo pior: uma risadinha fraca, bem perto, como se estivesse no ouvido delas.

— Hihih...

Ana tapou os ouvidos, mas o som da risadinha parecia atravessar tudo, como se viesse de dentro da própria cabeça.

Luiza tremia. A lanterna piscou outra vez, e por um instante ela teve certeza de que uma sombra passou quase ao lado delas.



O ar ficou gelado. Era como se a casa inteira tivesse respirado fundo, sugando todo o calor. Ana segurou no braço da amiga, quase chorando.

— Luiza... tem alguém aqui. Eu tô sentindo.

E realmente havia algo ali. A presença era tão forte que as duas se arrepiaram da cabeça aos pés. A madeira rangeu atrás delas, como se passos invisíveis se aproximassem.

Luiza, com a voz trêmula, tentou falar:

— Quem está aí?

O silêncio durou alguns segundos. Então, um dos piões rolou sozinho pelo chão e parou diante dos pés dela.

Ana não aguentou.

— Vamos embora! — gritou, puxando a amiga pela mão.

Elas desceram correndo a escada, sem olhar para trás. Só quando se distanciaram um pouco da casa é que ousaram virar.

Pela janelinha redonda, duas figuras pequenas apareciam: sombras de crianças, imóveis, observando.



E então, ao mesmo tempo, como um coro, ouviram o sussurro, como que carregado pelo vento:

— Voltem sempre... estamos esperando.

Luiza e Ana ficaram paradas no meio do terreno, ofegantes, sem coragem de dar mais um passo. O vento balançava os galhos das árvores e fazia sombras se moverem pelo chão, deixando tudo mais assustador.

De repente, a janelinha da casa da árvore brilhou com uma luz fraca, como se uma vela tivesse sido acesa lá dentro. As duas silhuetas se tornaram mais nítidas e apareceram na porta que tinha ficado aberta. Já não eram apenas sombras: eram crianças. Estavam ali, diante dos olhos delas. As duas meninas ficaram imóveis.

As crianças usavam roupas antigas, de tempos que Luiza e Ana só conheciam pelos livros da escola. O menino tinha suspensórios e uma bola de couro nas mãos. A menina vestia um vestido simples, com laço no cabelo, e segurava uma boneca de pano.



Os dois espíritos sorriram. Não era um sorriso mau, mas cheio de saudade, e também amizade.

Luiza sentiu o coração bater forte, mas não conseguiu desviar o olhar.

— Eles só querem brincar... — sussurrou.

Ana apertou a mão dela.

— E querem ser lembrados.

Por um instante, a voz suave voltou a soprar no ar:

— Amizades não acabam. Continuam para sempre, aqui.

E então, devagar, as duas figuras desapareceram, como se fossem engolidas pela própria escuridão da casa. A luz da janelinha se apagou, e o silêncio voltou a reinar.

Luiza e Ana correram em disparada. Não voltaram a entrar naquela casa da árvore. Mas, sempre que passavam pelo terreno, lembravam das crianças que um dia brincaram ali e se comunicaram com elas por algum motivo. Talvez quisessem mostrar a importância da amizade.

E assim entenderam que a amizade é o que mantém vivas as memórias, mesmo quando o tempo passa. E que alguns lugares guardam histórias que jamais devem ser esquecidas.

Naquela noite, antes de entrarem cada uma em suas casas, Luiza disse para Ana:

— Enquanto a gente for amiga, vamos superar tudo juntas!

Ana sorriu, com um arrepio leve, e respondeu:

— É... amizades são eternas.

E todas as noites, as duas juram ouvir risadinhas suaves, que não são desse mundo, ecoando entre as árvores e as ruas, ainda que estejam longe daquela casinha. Como se uma presença amigável estivesse sempre por perto. Elas já não sentiam medo, mas sim uma espécie de proteção invisível.



Telma Regina

Sua paixão pela literatura infantil iniciou como ouvinte dos contos de fadas narrados por sua avó. Na adolescência começou a lidar com crianças nas aulas de evangelização e hoje é pedagoga e professora de educação infantil do município do Rio de Janeiro.

A BRUXA DA CASA VELHA

Telma Regina



Em uma cidade pequena, as casas eram tão bonitas que pareciam de bonecas: tinham cortinas nas janelas, varandas e lindos jardins.

Entretanto, uma casa destoava: tinha pintura velha, janelas de madeira quebradas, e nenhum jardim, apenas matos pelo quintal.

Não era uma casa abandonada; uma senhora morava nela.

As crianças da rua achavam que ela era uma bruxa. Hugo, Luiza e Zezé tinham certeza.

— Você já reparou? ela vive catando mato do quintal — comentou Hugo.

— Será que ela come mato? — perguntou Zezé.

— Não, é para feitiçaria. Ele vive mexendo o caldeirão — disse Luiza.

— Qual? — indagou Hugo.

— Aquele lá em cima do fogão — mostrou Luiza.

— É mesmo um caldeirão de bruxa! — falaram juntos Zezé e Hugo.

— Aquela vassoura é de bruxa, tenho certeza — disse Zezé.

Todos os dias eles iam para a frente da casa observar, ver se achavam algo que confirmasse suas suspeitas.



Às quintas-feiras ela saía bem cedo, com seu gato preto de olhos brilhantes, carregando um enorme saco, cheio e pesado.

Nessa hora, todas as crianças corriam para casa com medo, acreditando que ela levava crianças dentro do saco.

E, à tardinha retornava com o saco igualmente cheio.

Passou algum tempo e ela não saia mais de casa.

Hugo, Zezé e Luiza, que sempre vigiavam a casa, indagaram:

O que será que aconteceu? será que a bruxa viajou?
será que morreu? bruxa morre?!

O medo era grande, mas a curiosidade maior. Então decidiram invadir a casa.

Entraram pisando devagarinho. Abriram uma porta: parecia ser um quarto de costura. Abriram a segunda e lá estava a bruxa deitada na cama.

— A bruxa! Gritaram todos e correram.

Porém, a voz fraca da bruxa os chamava

Desconfiados voltaram e a bruxa pediu:

— Por favor, peguem um copo d'água. Estou tão fraca que mal consigo levantar.

Quando Luiza chegou com a água, colocou a mão em sua testa e falou assustada:

— A senhora está muito quente!

— vamos chamar nossos pais, falou Zezé.

Eles vieram, levaram-na ao médico e cuidaram dela com muito carinho até que se recuperasse.

Ela era uma mulher bondosa: fazia chás e xaropes, os colocava em potes de vidro e os levava num saco para oferecer aos doentes. Na volta, trazia os potes vazios, prontos para mais chás e xaropes que atenderiam outras pessoas.

Além dos chás e xaropes, fazia bolos e doces muito gostosos.

E aquelas crianças que antes a temiam, passaram a lanchar em sua casa, com bolos e doces deliciosos.

Assim, a bruxa da casa velha passou a ser a tia dos chás.



Um dia, saindo da casa da tia dos chás, comentaram:

— A tia é tão boa — falou Hugo.

— E a gente achava que ela era uma bruxa — disse Zezé.

Antes de abrir o portão, viraram-se e deram “até logo” à tia dos chás, que estava varrendo a varanda. Ela retribuiu o gesto e eles seguiram.

De repente, ouviram um barulho: Vupt!

Olharam e viram a tia dos chás voando em sua vassoura.





Andreia Marques

Psicanalista, filósofa, escritora, contadora de histórias e fundadora da editora Panóplia.

Membro Correspondente da AIAB (Academia Inclusiva de Autores Brasilienses) e Membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), publicou dez livros, organizou e participou de diversas antologias.

O SEGREDO ATRÁS DA CASA

Andreia Marques



Era noite estrelada lá no interior,

Os grilos cantavam com todo fervor.

Andreia, Gisele, Elaine e Gilson

Brincavam e sorriam, se divertindo.

Na casa do Gilson, ao pé do morrão,

Falavam baixinho, com muita emoção.

— Atrás da sua casa tem um cemitério!,

Disse Gisele, com um tom bem sério.

Gilson sorriu: — Ah, que bobagem!

Lá só tem pedra, flor e saudade.

Com uma vela na mão, saíram os quatro,

Noite escura, vento gelado.

Chegando lá, viram lápides tantas,

Com frases curiosas, até meio santas!

E rindo sem medo, começaram a ler,

As histórias que ali havia pra ver.



“Aqui jaz Godofredo, coitado, medroso,
De tanto sentir medo, ficou duvidoso.

Assustou-se, um dia, com um candelabro,
Tropeçou e rolou escada abaixo!”

“Aqui dorme Benedito, o grande contador,
Tinha mil histórias de arrepiar de horror.

Mas um dia inventou tanto que se enrolou,
E com a própria mentira ele se assustou!”

“Aqui jaz a Ritinha, costureira de mão,
Pregava botão até em balão!

Um dia sonhou que costurava o luar,
Morreu tentando a lua remendar.”

“Aqui dorme um corajoso, de nome Pedro,
Que subia em árvore sem um pingo de medo,
E um dia caiu — não sabia voar,
Ficou lá embaixo, o céu a olhar.”

“Aqui jaz Maria do Leque,
Que amava vento e pé de moleque.
Um dia ventou, o leque voou,
Saiu girando até que parou!”

“Aqui dorme Rosa Fidalga,
Que amava perfume e flor-de-malaga.
Mas um dia espirrou tanto, sem parar,
Que resolveu no sono descansar!”

Riram, riram, os quatro encantados,

Com nomes e versos tão engraçados.

Mas aí — UUUUHUUU! — uma coruja gritou!

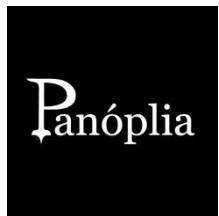
E os quatro correndo, o portão atravessou!

Gilson gritava: — Não era perigo!

E Andreia dizia: — Mas corre comigo!



**APROVEITE A INSPIRAÇÃO E ESCREVA AQUI
O SEU PRÓPRIO CONTO DE TERROR:**



Ler é sempre uma aventura extraordinária!

Visite nosso site:
www.editorapanoplia.com.br



Prepare-se para ficar arrepiado(a)!
Nesta antologia sombria e divertida,
crianças corajosas embarcam em
aventuras assustadoras cheias
de fantasmas amigáveis, brinquedos
possuídos, criaturas esquisitas
e mistérios que só os pequenos mais
valentes conseguem desvendar.

Cada história é um convite para rir,
levar uns sustos de leve e descobrir que,
às vezes, o medo pode ser um ótimo
companheiro para a imaginação.
Ideal para ler sob as cobertas — de
preferência com uma lanterna
e um amigo por perto!

ISBN 978-658398710-5



9 786583 987105

Panóplia

editoropenoplio.com.br